

REESTRUTURAÇÃO URBANA E INTERAÇÕES ESPACIAS EM CIDADES MÉDIAS: O EXEMPLO DE ARAPIRACA, ALAGOAS

Júlio César Oliveira de SOUZA ¹

Resumo: O presente artigo destina-se a analisar o papel de Arapiraca, cidade localizada na região agreste do Estado de Alagoas, enquanto cidade média na rede urbana regional. Com uma população de 202.390 habitantes, a cidade vem experimentando nas últimas décadas um acréscimo de várias estruturas urbanas ligadas principalmente ao setor de prestação de serviços, fato que vem alterando substancialmente o seu espaço urbano. Originada a partir da inserção e do incremento do setor fumageiro, o qual rapidamente torna-se a principal atividade econômica e do setor de serviços ligados à oferta de bens de consumo que se desenvolveu e determinou um novo perfil econômico à cidade. Dessa forma abordaremos os aspectos que permitem ratificar o papel de Arapiraca como uma cidade média na estrutura urbana de Alagoas.

Palavras-Chaves: Cidade Média; Arapiraca; Dinâmica Urbana.

Abstract: The present article destines to analyze the paper of the Arapiraca city, located in the region wasteland of the state of Alagoas, as an average city in the regional urban network. With a population of 202.390 inhabitants, the city is coming in the last few decades trying an addition of some urban structures mainly to the sector of rendering of services, fact that comes substantially modifying its urban space. Originated from the insertion and of the increment of the fumageiro sector and that quickly it becomes main economic activity for the city, the sector of services to it offers of consumption good also one developed and it determined a new economic profile to the city. In this article the aspects are described that allow to ratify the paper of Arapiraca as an average city in the urban structure of Alagoas.

Keywords: Average City; Arapiraca; Urban Dynamics.

1 – Introdução

Com a formação de redes urbanas hierarquizadas que foram estruturadas segundo alguns princípios de circulação orientados, sobretudo, pelas possibilidades técnicas dos sistemas de transporte que se organizam para o florescimento do capitalismo desde meados do século XIX (SPOSITO *et. al*, 2007, p. 36) as cidades médias tiveram os seus papéis definidos, em grande parte, pela posição geográfica que ocupavam, mas também pela relevância político-administrativa que desempenhavam.

Na estrutura urbana brasileira, o papel que as cidades médias assumem é de extrema importância, pois são polarizadoras e organizadoras de bens e serviços que antes se encontravam restritos às grandes metrópoles ou vinculados aos capitais estaduais. O quadro extremamente complexo que já se cristalizou nos espaços urbanos das metrópoles mundiais são geradores de crises sociais que tornam ainda mais caótico o espaço metropolitano. Por isto, situações de exclusão e segregação são uma constante nas metrópoles, pois os seus gestores têm cada vez mais se demonstrados pouco competentes diante de tais circunstâncias.

Neste contexto que aponta para um quadro urbano cada vez mais complexo, a cidade média desempenha a função de equilibrar a rede urbana, na medida em que esta consegue convergir os interesses e necessidades da área sobre a qual é capaz de exercer sua influência. Em outras palavras, o local que alguém está disposto a se deslocar para que neste possa ter

¹ Geógrafo, especialista em Geografia: Análise Ambiental e História do Brasil. Professor da Universidade Estadual de Alagoas, Campus V. Graduação em Geografia - Licenciatura. e-mail: jcsouzas@yahoo.com.br

acesso ao consumo de bens e serviços de que necessita. Portanto, no contexto de Alagoas, este artigo se detém a interpretar a cidade de Arapiraca, que surge como uma cidade média na estrutura urbana de Alagoas e polarizadora da rede urbana da porção oeste do Estado.

2 – Espaços em Transição: As Cidades Médias

No início deste século predominou o fenômeno do êxodo rural que, inegavelmente, contribuiu com a intensificação do processo de urbanização principalmente nas metrópoles. Atualmente observa-se uma ordem inversa deste fenômeno, ou seja, o êxodo urbano que se exprime pela preferência em habitar cidades não metropolitanas e que possuam alguns dos serviços encontrados nas metrópoles e, este processo vem aumentando ao longo dos últimos anos. Desta maneira, conforme Santos e Silveira (2005), nos últimos anos as aglomerações urbanas nascidas das novas lógicas territoriais têm um tamanho bem maior do que nos períodos anteriores.

Para entender este processo, faz-se necessário interpretar o novo contexto contemporâneo do processo de urbanização no Brasil, este percebido como a expressão histórica concreta no espaço da evolução e das mudanças sociais, definidas pela globalização e seus desdobramentos espaciais. Uma de suas principais características como aponta Bessa (2005), é dada pela gestação e expansão do meio “*técnico-científico-informacional*”.

As cidades-médias são frutos deste processo de reestruturação urbana que se observa no Brasil desde a década de 1970. Na escala mundial, desde as décadas de 1950 e 1960 estas cidades são analisadas, mas a França foi o país pioneiro na preocupação com a importância do grupo das cidades de porte médio e no estudo de seu valor no equilíbrio e no funcionamento das redes urbanas nacionais e, sobretudo, regionais. No Brasil somente no final da década de 1970 e meados da década de 1980 é que as cidades médias começam a ser pesquisadas, sendo inicialmente a classificação populacional a mais considerada para a sua determinação.

Santos (2005, p. 91) ao analisar os dados estatísticos referentes ao processo de metropolização no Brasil concluiu que, paralelamente ao crescimento cumulativo das maiores cidades do país, “estaria havendo um fenômeno de desmetropolização, definida como a repartição, com outros grandes núcleos, de novos contingentes de população urbana”. O que se pode constatar é que com a desmetropolização, aglomerações urbanas chegam ao status de cidade média, devido às funções e usos que se estruturam nestes espaços, que possui os mesmos tipos de serviços de cidades metropolitanas, mas que conservam um contingente populacional menor.

Davidovich (1991, p. 129) destacou no início da década de 1990, a existência de centros urbanos que apresentavam altos índices de crescimento populacional e econômico, além de ritmos e intensidades urbano-regionais particulares, determinados principalmente pela sua complexidade funcional e econômica; “*um Brasil urbano, não metropolitano*”, conforme a referida autora. Essas cidades antes isoladas agora iniciam ou já estão em um avançado processo de articulação regional em torno de determinadas atividades e que passam a ser redutos de uma nova classe média emergente, *lócus* de trabalho intelectual e também local de oferta de novos serviços associados aos transportes, informática, comunicação, saúde, educação, turismo e outros. Todos estes aspectos relacionados às cidades médias são ancorados no notável movimento migratório observado nos últimos anos em direção a estas cidades, representando um ponto central na análise das cidades médias, conforme relata Andrade e Serra:

[...] dinamismo ao desempenho populacional das cidades médias, podem-se elencar: as mudanças recentes nos padrões locacionais da indústria; as transformações mais visíveis no movimento migratório nacional; o

fenômeno da periferação das metrópoles; a política governamental de atração de investimentos para as regiões agrícolas e de extração de recursos minerais. Além destes, é claro, os fatores endógenos ao próprio dinamismo econômico de muitas dessas cidades (ANDRADE; SERRA, 2001, p. 133).

Grande parte destes centros, como acima citado, seriam cidades do interior afetadas por programas de modernização das atividades agropecuárias e de mineração; com alguma propensão a determinados ramos industriais e dadas especializações produtivas e, como também, cidades re-funcionalizadas ou re-adequadas pela atividade turística e de lazer; influenciadas diretamente por projetos de âmbito nacional como Mercosul, como também as inseridas em áreas da Amazônia ou no Nordeste (BESSA, 2005, p. 270).

Conforme o estudo de Andrade e Serra (2001, p. 134), ao analisar a dinâmica do crescimento populacional das cidades brasileiras de porte médio, consideradas as que possuem entre 50 mil e 500 mil habitantes, foi revelada a importância de seu papel no crescimento e na redistribuição da população nacional, sugerindo assim um aumento tanto no número destas cidades como número de habitantes que nelas residem.

Na mesma interpretação, para a Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera cidades de porte médio aquelas entre 100 mil e 500 mil habitantes, estas cidades eram em número de 83, em 1970 chegando a 193 cidades em 2000. Em termos de evolução segundo a mesma fundação, em 1970 estas cidades concentravam 14.606.904 habitantes alcançando no ano de 2000, 39.541.616 habitantes, correspondendo a um incremento populacional de 170,7%. Em ambas as perspectivas de análise vale ressaltar a prevalência do dinamismo populacional encontrado nas cidades médias e o seu papel singular no processo de desconcentração populacional brasileiro, visto que produzem um maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles.

Torné e Bellet Sanfeliu (1999 p. 49) também reafirmam a função das cidades intermediárias que podem “exercer um papel ativo frente ao processo de concentração urbana, equilibrando os processos de polarização e freando o excessivo crescimento das grandes aglomerações urbanas”. Vale frisar que frequentemente o parâmetro demográfico é usado para classificar as cidades médias. Mas cabe observar que este recorte demográfico somente demonstra a faixa que pode conter cidades médias, mas não aquelas que realmente exercem a função de cidades médias.

Amorim Filho (1984, p. 09) salienta que as cidades médias devem manter “interações constantes e duradouras com seu espaço regional e com as aglomerações urbanas de hierarquia superior”. Oferecer um largo leque de serviços à sua área de polarização também pode ser considerado como função da cidade média. “São também nós que se articulam fluxos, são pontos nodais de referência de acesso a outros níveis da rede urbana” (TORNÉ; BELLET SANFELIU, 1999, p. 42). Manter interações espaciais é também característica definidora das cidades médias.

Estas interações se tornam possíveis devido aos modernos sistemas de engenharia de transportes e de telecomunicações, já que a fase das cidades médias coincide, com o período de expansão do meio *técnico-científico-informacional*, cuja manifestação é expressa pela complexa configuração territorial e a crescente fluidez do território. A este respeito, Santos (2005) salienta que:

Essas cidades médias são, crescentemente, lócus do trabalho intelectual, o lugar onde se obtém informações necessárias à atividade econômica. Serão, por conseguinte, cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado, enquanto as maiores cidades, as metrópoles, por sua própria composição orgânica do capital e por sua própria composição orgânica do espaço,

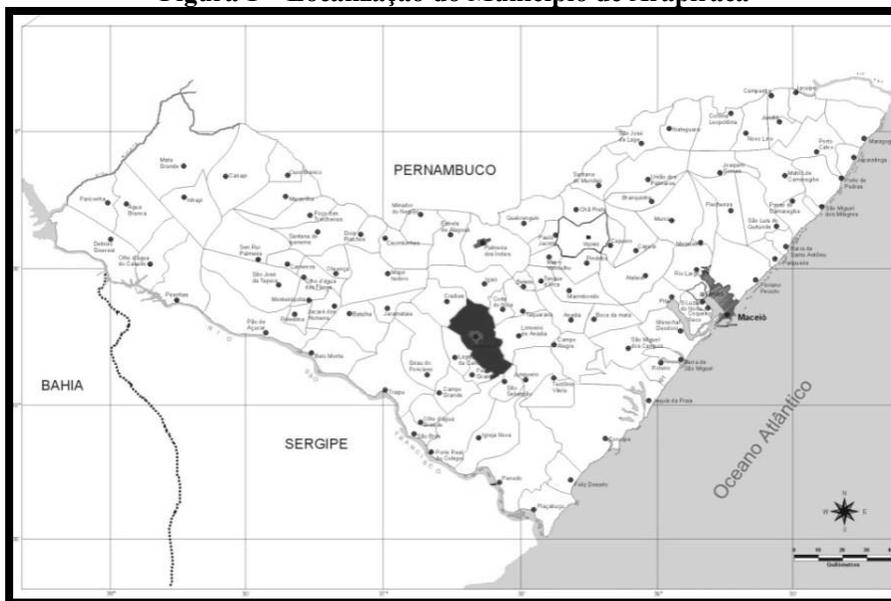
poderão continuar a acolher populações pobres e despreparadas (SANTOS, 2005, p. 136).

A emergência das cidades médias no Brasil coincide com a expansão da nova fase da globalização, que impôs um novo patamar ao processo de urbanização. Portanto, é necessário considerar que não são somente as estruturas dimensionais, funcionais e espaciais existentes nelas, mas também as relações transversais que são estabelecidas, que poderão determinar a sua posição na rede urbana regional e no sistema urbano brasileiro. Refletir sobre estas questões é necessário para a compreensão dos novos conteúdos do espaço geográfico.

3 – Arapiraca, a Cidade Média do Agreste de Alagoas

O município está localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano e na Microrregião Geográfica de Arapiraca, limitando-se ao norte com Craíbas, Igaci e Coité do Nóia; ao sul com Feira Grande, São Sebastião e Junqueiro; a leste com Limoeiro de Anadia e Junqueiro e a oeste com Lagoa da Canoa e Feira Grande. Arapiraca possui uma área de 351 km², que corresponde a 12% da área total do Estado e se encontra a uma distância de 135 km de Maceió (Figura 1).

Figura 1 – Localização do Município de Arapiraca



Fonte: LGA/IGDEMA/UFAL, 2006.

A formação histórico-territorial de Arapiraca deu-se inicialmente com a expansão da atividade pecuarista dos criadores de gado no século XVI para o que hoje corresponde à região Agreste de Alagoas e que antes se restringia à região da Zona da Mata. Neste processo, os criadores expulsaram os índios da tribo Caeté, seus habitantes originais, e consolidaram a conquista sobre este trecho da província de Alagoas.

O município de Arapiraca não foi atingido inicialmente pela expansão da monocultura da cana-de-açúcar, pois na ocasião acreditava-se que os seus aspectos naturais não seriam favoráveis à inserção da cultura canieira, ficando então, em uma situação diferente dos demais municípios. Por isto, se estabelece no município o cultivo do fumo que visava atingir os mercados interno e externo do produto.

O fumo é cultivado por pequenos e médios proprietários, arrendatários ou meeiros que dispõem de áreas que quase não excedem a 10 hectares. Na região fumageira existem mais de 30 mil estabelecimentos agrícolas, dos quais cerca de 10 mil são ocupados por famílias de pequenos produtores rurais. Essa produção é consorciada entre as culturas comerciais mais rentáveis e as lavouras de subsistência, o que explicaria a existência dessa área de predomínio da pequena produção familiar na região fumageira. Desde a década de 1990 a cultura fumageira vem diminuindo sua produção. As causas do declínio estão no preço internacional do fumo negro e nos altos custos de produção.

Quatro grandes empresas sediadas em Arapiraca (Incasil Indústria e Comércio, Araújo Silva Ltda., do Grupo Bananeiras; Incofusom Indústria e Comércio de Fumo Super Bom Ltda., e as Indústrias Reunidas Coringa Ltda.), além de uma firma sergipana, a Maratá, têm maior participação na produção e comercialização do fumo de corda de Arapiraca.

A empresa norte-americana Universal Leaf Tabaco, segunda maior empresa mundial em volume de fumo comercializado, vem desenvolvendo uma experiência com produtores do Agreste alagoano. As variedades testadas são Virgínia e Burley. Além da Universal Leaf, a empresa Souza Cruz também desenvolve experimentos com variedades de fumo na região.

A região produtora de fumo compreende 13 municípios, onde Arapiraca é o principal produtor, seguido dos municípios de Lagoa da Canoa, Feira Grande, Coité do Nóia, Girau do Ponciano, Limoeiro de Anadia, São Sebastião, Teotônio Vilela, Taquarana e Campo Grande. A atividade fumageira detém o segundo lugar na ocupação de mão-de-obra na região e, por isto, a crise que se abateu no setor provocou graves impactos sociais e econômicos à região.

No ano de 1998, a fumicultura empregava por volta de 35 mil trabalhadores assalariados. Em 2000 o emprego cai para 21 mil. Esta crise, associada à reestruturação da atividade fumageira, tem levado a uma nova dinâmica populacional de trabalhadores, ou seja, a migração para outras áreas no Estado e também fora de seus limites estaduais.

A região sediada por Arapiraca é um exemplo de sucesso econômico que permitiu, nas últimas décadas, o crescimento estável de um conjunto de localidades e a ampliação de algumas conquistas sociais expressivas. Na sua condição de centro nodal da região fumageira, Arapiraca vem estabelecendo uma nova dinâmica econômica na medida em que a sua posição central na rede urbana no oeste de Alagoas exige que a cidade passe a ser fornecedora de serviços públicos e privados diferenciados e até mais especializados e compatíveis com os ofertados na capital.

O setor de serviços apresenta uma grande miscelânea de produtos ofertados, como atendimento médico através de planos de saúde privado e clínicas particulares com certo grau de especialização; escolas privadas em todos os níveis de ensino; redes varejistas de bens de consumo duráveis e não-duráveis e oferta de serviços de lazer e outros tipos.

Da administração pública, observa-se que a cidade é a sede de representação de vários órgãos como a Coordenadoria Regional de Ensino (CRE); escritórios das companhias de abastecimento d'água e de energia elétrica e também de representações de outras secretarias e autarquias do executivo estadual. Visando dinamizar a região e o seu entorno é implantada no final da década de 1960, a Fundação Universidade do Estado de Alagoas (FUNESA), hoje Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), que incorpora a antiga Fundação Educacional do Agreste, que manteve a Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca (FFPA).

A cidade ainda conta com um Campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o primeiro do Agreste e outras faculdades privadas como o Centro de Ensino Superior de Maceió (CESMAC). Todos estes serviços no campo educacional fazem com que a cidade também seja um importante pólo na oferta de serviços educacionais para a região agreste e sertão de Alagoas.

Arapiraca é um exemplo da importância crescente das cidades médias, pois a partir da década de 1980, mesmo com o início da crise do fumo, a cidade teve um crescimento

econômico considerável sendo responsável pela fixação da população de seu entorno. A crise do fumo, de certa forma, serviu para marcar um novo ciclo econômico que apontava a necessidade de diversificar a matriz produtiva municipal, pois a fumicultura demonstrava claramente grande instabilidade em sua produção e comercialização e, a médio e longo prazo, poderia colocar as finanças municipais em sérias dificuldades.

Por isto, observou-se que paralelo à crise do setor fumageiro, que ocasionou a diminuição da área plantada, surgiu outras atividades também ligadas ao setor agrícola, como o cultivo de hortaliças, tubérculos, grãos, fruticultura irrigada e, em pequena escala, rebanhos de bovinos, caprinos e ovinos. O setor comercial da cidade também merece destaque, pois ocupa uma posição central na composição dos proventos municipais, representando quase 50% na composição setorial do Produto Interno Bruto (PIB) do município (SNIU, 2007).

Arapiraca possui atualmente um núcleo industrial modesto, com fábricas voltadas, principalmente para o ramo alimentício de bebidas, mas encontram-se outras de produtos gráficos, plásticos e químicos e também fábricas de estruturas pré-moldadas para a construção civil. São observadas também, embora em menor proporção outras pequenas fábricas como as de beneficiamento de derivados do leite, fábricas de móveis, de metais e estofados.

Na década de 1990, Arapiraca terminou a transição de seu antigo modelo de vida rural para o cidadão, transferindo a importância da agricultura para as atividades tipicamente urbanas como o setor de serviços, a indústria e o comércio. Arapiraca é um município de vida urbana. Os símbolos maiores dessa mudança são: a agricultura industrializada; o comércio central da cidade, sua conhecida feira semanal, o setor de serviços e o núcleo industrial.

No setor de serviços, Arapiraca também se destaca na condição de pólo regional do Agreste e que consegue também influenciar outras localidades fora de sua rede. O terceiro setor é amplo, apresentando serviços como os de bancos estatais e privados; hotéis; restaurantes e outros, além de também sediar sucursais de jornais impressos de grande circulação no Estado e de retransmissores e escritórios regionais de grupos de comunicação regionais.

A oferta destes serviços torna a cidade bastante maleável à expansão do meio *técnico-científico-informacional* que se caracteriza pela implantação de objetos técnicos, ou aumento funcional e estrutural de fixos artificiais associados, particularmente à nova dinâmica econômica e à modernização desta.

Paralelamente observamos que se desenvolvem em Arapiraca, infra-estruturas econômicas, marcadas pela diversificação agrícola e ampliação das comunicações. Esta materialidade em conjunto com as formas criadas para a sua manipulação propiciou o crescimento das funções urbanas centrais, o surgimento de novas funcionalidades e o aparecimento de especializações produtivas.

A rede de fixos artificiais associados à comunicação, especialmente as telecomunicações, é um dos objetos que mais se expandem, acompanhando o atual comportamento social no país. Assim, originam-se importantes sistemas de objetos que são capazes de interligar a cidade ao país e ao resto do mundo por intermédio de equipamentos de transmissão e de recepção que permitem a existência de fluxos distantes e descontínuos territorialmente, garantindo à cidade e a sua região a fluidez exigida pelo período *técnico-científico-informacional*.

Os investimentos neste sentido foram realizados desde a década de 1960, pelo extinto Sistema de Telecomunicação do Brasil (TELEBRÁS). A privatização do sistema TELEBRÁS, na década de 1990, colocou Arapiraca no bloco regional Tele Norte-Leste, Região 1, Setor 07 onde atuam com serviço de telefonia fixa, as operadoras Telemar (atual Oi Fixo), Vésper, Embratel e Intelig.

No serviço de telefonia móvel, a cidade está inserida na área de concessão 10, que corresponde à Região Nordeste. Os serviços de telefonia móvel são prestados pelas

operadoras TIM, Claro (antiga BCP) e Oi Móvel. A presença de todas essas operadoras de serviços de telefonia (fixa ou móvel) demonstra a ampliação funcional e territorial da utilização das redes telefônicas.

O aumento do número dos fixos artificiais, associados aos fluxos e a infra-estrutura econômica é a expressão da presença do meio *técnico-científico-informacional* em Arapiraca, demonstrando a densidade de seu conteúdo técnico e tornando mais fluído o território. Contudo, estes fixos, decorrentes de sua complexidade, atuam como um sistema técnico, sendo que a sua base material são os sistemas de transporte e o de telecomunicações.

Essa fluidez em Arapiraca é demonstrada na logística informacional que acompanha a dinâmica da organização espacial, das redes visíveis e sensíveis através da informatização dos principais atores de circulação do capital no município. Essa gênese é percebida nos sistemas de saúde seguido pelo educacional, acompanhando outros agentes locais.

Por sua condição geográfica, Arapiraca possui um baixo potencial energético, mas os fixos artificiais associados à geração e transmissão de energia elétrica são compostos por subestações, linhas de transmissão e subestações distribuidoras. A cidade é integrada ao sistema Angelim e possui 02 subestações distribuidoras da Companhia Energética de Alagoas (CEAL) que juntas possuem uma potência total de 50,0 Mva. Mais duas subestações serão construídas na cidade e ao final, darão um acréscimo de mais de 50% no fornecimento energético da cidade.

Desta maneira, esses fluxos e fixos orientam o surgimento de horizontalidades e verticalidades em Arapiraca, definidos em arranjos espaciais determinados mediante interações contínuas e descontínuas, que acabam estabelecendo redes que perpassam o território e que permitem a cooperação entre os circuitos da produção, do comércio e dos serviços.

Portanto, essa complexidade no arranjo do espaço geográfico arapiraquense só faz ressaltar a grande importância regional que a cidade possui no contexto urbano de Alagoas, pois vem atuando como centro de convergência populacional e, em média escala, de fixadora deste mesmo contingente.

Como o mais novo conglomerado humano de Alagoas, Arapiraca apresenta uma evolução nos seus índices populacionais, diga-se incremento, nos últimos 30 anos (entre 1970 e 2000) da ordem de aproximadamente 50%, atingindo 186.466 habitantes em 2000 (IBGE, 2000). Igualmente, o crescimento da população urbana totalizou neste mesmo período, 57% implicando uma taxa de urbanização de 81,71% (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD/PERFIL MUNICIPAL - ARAPIRACA, 2000, p. 01).

Este incremento populacional em Arapiraca nos últimos 30 anos deu-se por diversos fatores comuns a maioria das médias e grandes cidades como a migração da população das cidades vizinhas em direção à cidade-pólo; fluxo diário com destino aos postos de trabalho em Arapiraca tanto no setor rural como no urbano, onde as cidades circunvizinhas, com pouca ou reduzida dinâmica econômica tornam-se cidades-dormitórios; as escolas de nível fundamental e médio bem mais estruturadas e freqüência aos cursos de nível superior nas instituições públicas e privadas com sede em Arapiraca.

Mesmo que estes fluxos migratórios não sejam para fixação de residência na cidade, eles revelam muito o nível de interações que Arapiraca estabelece em seu território com as cidades de sua região e fora dela. Em conjunto estes fatores, muito caracterizado pela gestação do meio *técnico-científico-informacional* e pelo desenvolvimento de atividades econômicas e sociais, interferem no processo de urbanização da cidade, com ampliação da esfera demográfica e de processos de re-funcionalização que são induzidos pelos agentes econômicos e sociais, com importante acréscimo nos papéis urbanos que são desempenhados por Arapiraca. Por isto, o incremento e o aumento de interações espaciais são inevitáveis e passam a ocorrer por meio de horizontalidades e verticalidades.

Todo este dinamismo demográfico é refletido nos indicadores sociais da cidade, pois demonstram que a cidade possui 3.878 empresas formais que geraram 12.742 postos de empregos regulares no ano de 2007. A População Economicamente Ativa (PEA) na cidade é de 80.468 pessoas, e os dados também revelam um número bem significativo de empregos informais e de pessoas sem ocupação.

Portanto, verifica-se que o processo *técnico-científico-informacional* na cidade está em plena fase de estruturação e consolidação, na medida em que se pode inferir a existência de fixos e fluxos indissociáveis que se interconectam em modo contínuo e que configuram a rede urbana de Arapiraca e suas interações.

As cidades médias têm esta característica, como lembra Bessa (2005), de exercerem um papel ativo na promoção do equilíbrio sócio-espacial, pois também passam a ser pólos de convergência e divergência de especializações produtivas e Arapiraca, como partícipe deste processo, desenvolve-se como uma cidade de equilíbrio na complexa estrutura urbana e socioeconômica de Alagoas.

3 – Interações Espaciais em Arapiraca

A organização espacial urbana em rede pressupõe também que variáveis como rede energética, de comunicação, os transportes e outros passem a desempenhar um protagonismo para a integração dos lugares e de seu respectivo desenvolvimento econômico. Corrêa (2007, p. 30) admite que as cidades médias apresentam interações espaciais intensas, complexas, multidirecionadas e marcadas pela multiescalaridade, isto é, sobreposição de múltiplas influências em um mesmo espaço e tempo não importando para tal o tamanho ou a densidade das interações. Estas interações espaciais são, em sua maioria, controladas pela elite da cidade.

Por meio das interações, as cidades médias conectam-se a rede global de cidades, ainda que outros intercâmbios sejam controlados por grupos externos. As interações *de e para* a cidade média se realizam em duas escalas espaciais gerais, a escala regional e a escala extra-regional, seja ela nacional ou internacional (CORRÊA, 2007, p. 30). Destas duas escalas, as extra-regionais são as que determinam a identificação de uma cidade média e a distinguem de uma usual capital regional.

As cidades médias deparam-se em meio a uma realidade na qual elas adquirem cada vez mais centralidades, principalmente no que tange ao setor de prestação de serviços, que são diretamente dependentes de um sistema integralizado para que aconteçam as interações espaciais (DRUCIAKI, 2006, p. 02). Assim, podemos perceber que as redes de transporte e circulação são determinantes e possuem papéis primordiais para o estabelecimento de tais interações. Assim:

Em primeiro lugar, o conjunto de vias de transporte outorga fatores básicos para a localização industrial e levam a uma densidade de infra-estrutura, capitais, pessoal especializado e fluxos de informações e de mercadorias que consolidam as decisões de localização (SPOSITO, 2007, p. 215).

Arapiraca interliga-se ao Estado por meio de rodovias estaduais como a AL 220, que atravessa a cidade pelo norte, ligando o litoral ao sertão; a AL 110 atravessa a cidade a leste, cruzando a AL 220, ligando Arapiraca a Taquarana e Coité do Nória; a AL 115 corta a cidade longitudinalmente a oeste, interligando Arapiraca a Lagoa da Canoa, Girau do Ponciano e Campo Grande para o Sul. Outras ligações rodoviárias regionais são importantes: pela BR 101 chega-se a Aracajú (186 km), a Salvador (684 km), a Recife (385 km) e a João Pessoa (465 km), e pela AL 220, no sertão, chega-se a Delmiro Gouveia e a Paulo Afonso, na Bahia.

configuram como aspecto que evidenciam toda a dinamicidade da cidade sendo estas *verticalizadas*, quando firma interações em um espaço descontínuo e a possibilidade de um contato direto com a Metrópole nacional da região nordeste – a cidade do Recife - e *horizontalizadas*, ao conferir à cidade a manutenção de relações contínuas em seu espaço direto de polarização, implicando em dinamização que também pode se estender por sua área rural.

4 – Conclusão

Mesmo passando após a retração da atividade fumageira por um período de estagnação econômica, o município de Arapiraca não perdeu totalmente o seu papel de centro polarizador no Estado e vem, principalmente, por meio de seu setor de serviços, consolidando a sua função como pólo atrativo da população do agreste e sertão de Alagoas. O serviço público das esferas estadual e federal tem representações na cidade e redes de lojas de eletroeletrônicos, magazines, e serviços financeiros (bancos, concessionárias de créditos) têm suas filiais espalhadas em seu espaço urbano.

Desta maneira, estabelece entre Arapiraca e as cidades diretamente de seu entorno e até mesmo entre outras não tão próximas, intensas relações intraurbanas que são representadas nas interações espaciais que conectam toda a rede urbana oeste de Alagoas. Por fim, ainda em meio a um pequeno resquício da atividade fumageira que tenta sobreviver em meio aos novos “*usos urbanos*” Arapiraca se consolida em sua nova função - a de cidade média em Alagoas – papel este que a cidade desempenha com grande motivação.

5 – Referências Bibliográficas

AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Olhando o Mar do Sertão: A Lógica das Cidades Médias no Ceará. *In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) Cidades Médias: Espaços em Transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ANDRADE, T. A; SERRA, R. V. Evolução e Perspectivas do Papel das Cidades Médias no Planejamento Urbano e Regional. *In: ANDRADE, T. A; SERRA, R. V. (Org.) Cidades Médias Brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.

BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da Rede Urbana Brasileira e Cidades Médias: O Exemplo de Uberlândia (MG). *In: Geografia: Caminhos de Geografia*. Revista online, nº. 24, p. 268-288. Outubro de 2005. Disponível em: www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html. Acesso em: 10 abr. 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2000**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 15 mai. 2007.

_____. Ministério das Cidades. **Dados Estatísticos do Sistema Nacional de Indicadores Urbanos – SNIU (Perfil Municipal – Arapiraca)**. Disponível em: www.cidades.gov.br/sniu. Acesso em: 20 out. 2007.

_____. PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano 2000**. Disponível em: www.pnud.org.br/atlas. Acesso em: 15 mai. 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o Conceito de Cidade-Média. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

DAVIDOVICH, F. Brasil Metropolitano e Brasil Urbano Não-Metropolitano - Algumas Questões. *In*: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, ano 53, n.2, p.127-133, abr./jun.1991.

DRUCIAKI, Vinicius Polzin. As Redes de Transporte Coletivo Intermunicipal de Passageiros entre Cidades Médias: Guarapuava, Cascavel, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. *In*: **Anais. II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias: Dinâmicas Econômicas e Produção do Espaço**. Uberlândia, MG, Brasil de 6 a 9 de novembro de 2006.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SILVEIRA, Maria Laura; SANTOS, Milton. **Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 8º. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades Médias: Reestruturação das Cidades e Reestruturação Urbana. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôres Aguiar. O Estudo das Cidades Médias Brasileiras: Uma Proposta Metodológica. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TORNÉ, J. M.; BELLET SANFELIU, C. **Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial**. Lleida: Ayuntamiento de Lleida, Unesco, UIA, 1999.

Recebido para publicação em 03 de novembro de 2008.

Aceito para publicação em 19 de maio de 2009.